

# CRIMINOSOS

## O movimento nacional dos ferroviários

## A normalização dos serviços são os constantes descarrilamentos

Grandes responsabilidades pesam sobre a cabeça dos que governam. Começaram por negar o pão a quem trabalha, impelindo para a greve milhares de criaturas que são vítimas da inépcia dum governo.

Não contente em provocar um conflito desta natureza o governo não tem escrúpulo algum em arriscar a vida dos que confiando nas suas palavras, viajam nos poucos e maus comboios que se organizam para ficar a meio do caminho, para descarrilarem, como todos os dias sucede.

Muitas vítimas tem feito a *normalização* que o governo pretende estabelecer como se fosse possível normalizar um serviço complexo como é o dos comboios de ferro, com indivíduos inexpe-

riados, como para quem mora próximo ao caminho de ferro, se não para quem bastante desviado mora também estes porque, pela constante passagem de automóveis, camiões e outros veículos, compreenderam já que não há comboios. E para que não riem do país como reste dívida alguma também em que a normalização é uma burla, não deve *A batalha* deixar de dar publicidade ao que diga o eleito só a factos verdadeiros. Os comboios continuam a passar com grandes atrasos; assim no dia 25 chegou um comboio às 13 e 20, já que o atraso de 2 e 20, e só partiu às 11 e 20 do dia 26, com 24 h. e 20 de atraso. O comboio de passageiros para Lisboa passou com 3 horas de atraso, e o comboio de mercadorias deste dia só passou às 17 e 30 do dia 26, com atraso

Quantas mais vítimas nos anunciarão amanhã? E' o pão nosso de cada dia. E' também o único pão que o governo nos sabe dar com abundância.

### Nota officiosa

Do Comité Central dos Ferrovieiros de Portugal

Mais um descarrilamento se produziu nas linhas da C. P. por inesperienza do pessoal que tripulava o comboio, resultando deste accidente mortos e feridos.

O descarrilamento foi provocado pelo excesso de velocidade. Também caberão aos grévistas as responsabilidades por este desastre?

De 26 horas. O comboio de passageiros para o Algarve, do dia 26, partiu com 3 e 25 de atraso e chegou aqui ligado com o comboio de mercadorias, quando devia chegar às 10 e 41, e este comboio ficou aqui sem effeito por motivo de avaria da máquina.

O comboio de passageiros do dia 27 do Algarve não houve. Passou às 18 horas um com passageiros de Evora e Moura, e do Algarve, só chegou às 11 da noite de 28, partindo à 1 da manhã, ou seja com atraso de 36 horas. O comboio de mercadorias de Barreiro a Beja saiu daqui com 7 horas de atraso.

A confirmar a burla das notas officias dando quasi normalizados os ser-

«Pode a Direção-Geral de Transportes continuar a afirmar a normalização dos serviços?

O público que aprecie.

Em nota oficiosa da Direção-Geral de Transportes que já não há greve alguma. Se assim é, porque se não realizam os comboios com normalidade?

E' verdadeiramente irrisória a afirmação da Direção-Geral de Transportes que não merece a mais leve consideração.

Pelas 11 horas de ontem conferenciei com o ministro do Comércio, uma comissão de ferroviários da C. P. por este Comité deliberado que tal demarche se fizesse, em consequência das negociações com o governo terem sido

viços ferroviários, foi a passagem aqui de um comboio automovel, com 11 caixões transportando adubo. Na volta vieram vasos.

Chegaram muitos militares para reparação da linha, mas a única ferramenta que tem é a pá (e a fome) pois com \$500 por dia ninguém, trabalhando, se pode manter; isto mal chega para o almoço. Há outros que passam melhor, porque guardam as mercadorias dos cais e dos vagões, e as faltas só se notam depois da greve.

O capitão da força, ao pôr fora de casa os assentadores do partido, não consentiu que eles levassem as suas caixas, ficando estas para os militares onde actualmente dormem. — *Um ferro*

**Operários alfiates**

Com grande concorrência, realizou ontem a assembleia magna desta classe para apreciar a marcha do movimento. Aprovada a acta, foi lido um officio do Juvenile Sindicalista do Porto, saudando a classe, e a nota do comité, que também foi apreciada.

Sobre a marcha do movimento, usaram da palavra vários oradores, uns dos quais citam o facto dos operários do corte terem terminado o seu movimento e estarem hoje traindo o nosso, prestado-se miseravelmente a ir para as officinas substituir os camaradas em greve. E' ainda apreciada a condução da classe, ora reupido a ordem, caser-

**Um combóio que descarrila**

Por imprudência do maquinista, soldado n.º 69 da 5.ª companhia, deuse ontem um desastre. O combóio que saiu de Torres Vedras com mercadorias, conduzido pelo referido maquinista, ficou em mísero estado, principalmente a máquina, da qual nada se poderá aproveitar.

O acidente de-seu devido à imprudência do referido maquinista ter descido a ladeira que vai da Malveira até Mafra em 5 minutos, quando habitualmente aquele percurso se faz em 14 minutos. Devido a esse excesso de velocidade é que sucedeu o desastre. Houve

neira, demandada dos industriais, porque o pessoal se apresente até no dia 30, o que se não confirmou, pois esta assembleia estava concorridíssima.

Falam ainda vários oradores que aconselhem a classe a manter-se unida encerrando-se a sessão, com vivas greve geral da classe, C. G. T., *Bata-lha*, etc.

Hoje, pelas 13 horas, reúne esta classe na sede dos Caixaeiros, a fim de tomar deliberações importantes.

Está sendo profusamente distribuído o seguinte manifesto:

Camaradas! Basta mais um pouco de esforço, a causa será ganha! Os industriais pretendem ter pessoal para trabalhar na segunda-feira, e a resposta deve ser a continuação da greve.

vítimas, que ficaram sob os destroços do comboio. Essas vítimas são o chefe civil do trem e o factor de 1.ª classe da estação da Torre. Também alguns ficaram da guarda republicana ficaram bastante contusos. Os dois primeiros ficaram com ambas as pernas fracturadas.

A linha encontra-se obstruída.

**A falada normalização**

Não se cansam os jornais burgueses e o governo de afirmar que os serviços ferroviários se encontram normalizados, o que toda a gente verifica não ser verdade, especialmente as pessoas que caem na asneira de se utilizar dos desorganizados serviços dos caminhos de

Ainda ontem, António Carreira, pequeno negociante de ovos, nos procurou para contar o que se passa com a remessa de ovos, que chegam com um atraso de dez dias e na sua maior parte partidos. Uma amostra da boa organização actual dos serviços ferroviários está no facto das remessas destinadas à estação do Rossio irem parar à de Santa Apolónia ou de Alcântara, ou vice-versa.

A criação chega quasi sempre morta, devido à demora.

Alguns negociantes já mandaram suspender as remessas de ovos e criação, pois além dos prejuízos que lhes causam, quando ali vão levantar as remes-

sas assim conseguiremos o nosso fim, isto é, a completa satisfação das nossas reclamações.

Chegou, pois, o momento de demonstrarmos a nossa força como classe organizada. Os industriais não podem esquecer o facto que os industriais de alfaiataria não possam impor no sentido de arrepiarmos o caminho ao movimento encaetado.

Os indivíduos são muitos — quando os officios trocados entre elles e o nosso adepto, porque dizem que a imprensa não publica o que os individuos querem publicar. Os individuos são operarios, operarios gráficos, como se estes fossem os directores dos jornais. Pois com essa publicação em três dos jornais mais liues, só nos vamos provar quem nesta questão tem usado a mal-fé.

O omittido tem confiança que a classe de ber-se-á manter com a mesma attitude até hoje tem trilhado, não se assustando com praxes para apresentação de pessoas

das são receituas gargalhadas pelos indivíduos que se encontram traido o justo movimento dos ferroviários,

**Em Vendas Novas**  
**A normalização**  
VENDAS NOVAS, 29—No sul do país já a ninguém resta dúvida que a normalização dos serviços ferroviários é uma burla, tanto para quem anda nos

trabalho no momento em que estejam satisfeitos por completo todas as reclamações assim este Comité o indique.

Viva a greve dos operários alfaiates do Comité.

**Operários carruageiros**  
Os operários da oficina de carros de Francisco Alves, na rua da Fábrica da Pólvora, declararam-se ontem em greve, pelas 13 horas, pois tendo rec-



mado aumento de salário, o industrial não concedeu aumento a todo o pessoal, mas só a dois dos seus operários, isto é, o iníquo, sem dúvida, de dividir o pessoal.

As grevistas pedem a todos os camaradas para que não vão trabalhar para a referida oficina, enquanto não se solucionar o conflito.

### Operários municipais

Em consequência de à frente do distrito se encontrar como governador civil o sr. Lelo, capitão aviador, não tem podido reunir os operários municipais, provando aquela entidade, cada vez mais, o seu desconhecimento completo das leis que regulam a liberdade de reunião.

Não podem, por tal motivo, aqueles operários apreciar a marcha do seu movimento, nem tomar quaisquer resoluções para a solução do conflito. Mas ao sr. Lelo, que interpreta as leis à sua medida, cabem as responsabilidades da prolongação da greve e das suas naturais consequências.

Do comité receberam a seguinte comunicação:

**Camaradas:**—Continua o nosso movimento sem solução, julgando os senhores vereadores que, não fazendo render pela fome, mas enganando-se pois já devem conhecer a forma como as classes tem respondido às suas resoluções, que é a continuação da greve até termos atendidos totalmente.

Este comité encontra bastante respaldado pela forma digna como se tem mantido as classes municipais em luta, mostrando assim terem a máxima confiança no comité que dirige este movimento, estando esperando que que todos os camaradas continuem firmes até ao dia da nossa vitória, porque esta há de ser um facto.

Senhores vereadores: não é com ameaças que resolvem um conflito desta natureza, mas sim dando nos o que de justiça nos pertence, o que os senhores tem reconhecido.

Essa fantasia das empreitadas, a nos não aterroriza, porque dizendo os senhores não terem dinheiro para nos melhorar um pouco a nossa situação, muito menos podem dar os serviços por empreitada; se os senhores vereadores andam ludibriando os municípios desta cidade com as suas declarações de não terem dinheiro, o que provam com as últimas resoluções em dar todos os serviços de empreitada.

Dizem-se os senhores vereadores democráticos e socialistas, mas agora publico com o despedimento dos operários ao serviço do município, por pedirem mais um pouco de pão e mostrarem ser conscientes. Nunca os vereadores mais democráticos se lembraram de tal procedimento.

Os senhores não vêem que não será tão fácil como pensam, despedir operários que tem já o direito à reforma, como o declaram os estatutos da caixa de reformas para onde os mesmos tem contribuído?

Nós não recamos tais ameaças, pois são as de sempre.

Desajava este comité que a câmara explicasse aos municípios qual a sua atitude perante estas situações que andam lavando as ruas e batendo pelas portas pedindo dinheiro, dizendo ao lhes chegar o que a câmara lhes dá e ainda vendendo a água a quem lhes pede favor para lhe enchem qualquer bacia.

Outem passou-se este caso na rua de S. Pedro Mártir e amanhã o mesmo se passará em outras locais, como anteriormente.

Por todas as fantasias como esta do despedimento, devemos de continuar mostrando o nosso desprazo.

A ante pela nossa causa!

Viva a greve geral dos operários municipais!—O Comité Central.

### Aviso às camaradas calceteiros

Por este meio fiam avisados todos os camaradas desta especialidade para que não caiam no légo preparado pela Câmara e Companhia das Águas, pois que admitem pessoal para fazerem o calcetamento de valas abertas em algumas ruas da cidade.

Al flica a prevenção para que acatem com o critério digno da classe.—O Comité Central.

### EM ALMADA

#### Comício de protesto contra a reacção

Com o fim de protestar contra os maneios reacçãoários realizou-se ontem, no vasto Salão Académico, um importante comício, que foi muito concorrido.

Aberto o comício, fizeram uso da palavra vários oradores, na sua maioria operários, que em palavras rudes, mas sinceras, vergastaram todos os crimes perpetrados pela reacção política, que em pouco se tem diferenciado dos processos intolerantes dos discípulos de Loyola e Torquemada.

Vários oradores referiram-se ao reacçãoário do actual governo, que de milhões dadas com os conservadores e assombradores lhes permitem todas as suas manifestações de retrocesso, enquanto que sobre as classes trabalhadoras exerce as maiores perseguições, encerrando-lhe os seus sindicatos, proibindo-lhe as reuniões e encarcerando-lhe os seus militantes e jornalistas, como acontece agora com Manuel Ribeiro.

No decorrer do comício foram levantados vários vivas à liberdade de pensamento e a Manuel Ribeiro, vítima da reacção política.

### I Congresso Nacional Mobilatório

Apesar de estar adiada a realização deste Congresso, em virtude da greve ferroviária, a comissão organizadora continua com todo o afan procurando que revista a impopularidade desejada.

A comissão tem continuado a receber adesões dos organismos da indústria, devendo ser em breve publicados em A. Batalha o regulamento e ordem dos trabalhos deste Congresso, logo que termine a anormalidade existente.

Por esta comissão foi enviado a Santarém o nosso camarada Grilo, a fim de constituir o sindicato dos operários do mobiliário. Coincidiu a sua estada naquela localidade com a declaração da greve ferroviária, ficando impedido de regressar.

A despeito de ser reconhecida qual a sua missão, os detectives policiais, a fim de justificar a sua ociosidade, prendem este nosso camarada sob um pretexto inverosímil. Registamos mais esta arbitrariedade, própria do período reacçãoário que atravessamos.

Em breve refina esta comissão.

### VIDA ANARQUISTA

**Centro Comunista de Lisboa.**—Realiza-se na próxima quinta-feira, 3 de Novembro, uma assembleia geral para tratar de assuntos de alto interesse para a vida deste Centro.

Pode-se a comissão da comissão administrativa e de todos os sócios.

## União dos Sindicatos Operários

### Conselho de Delegados

Sob a presidência do delegado adjunto do sindicato dos Manufatureiros de Calçado, reuniu antemontem o Conselho de Delegados a este organismo.

Antes da ordem dos trabalhos tomou-se conhecimento do expediente que constou de: ofício do sindicato dos Impresores Tipográficos, referindo-se à nomeação para secretário arquivaista deste organismo do delegado efectivo do mesmo sindicato. Depois de o delegado adjunto dar sobre o mesmo ofício as necessárias explicações, ficou essa nomeação sem efeito, visto o mesmo delegado ter pedido a demissão de todos os cargos que ocupava; um ofício do sindicato dos Operários Alfaiates, chamando a atenção da U. S. O. para o funcionamento do Tribunal dos Accidentes de Trabalho, em virtude da não comparencia dos vogais, não só patronais como operários, o que prejudica sobremaneira aqueles que tem processos pendentes de julgamento. Vários delegados se pronunciaram sobre o assunto e depois de explicações dadas pelo secretário geral, resolveu-se que a U. S. O. — e como lhe pertence — convidasse os vogais operários não só desse Tribunal, como também dos Arquivos Avindores a uma reunião não só para esclarecimento do caso, como também para evitar que esse facto se não continue a verificar. Lido um ofício do sindicato dos Fabricantes de Armas e Offícios Acessórios, convidando a U. S. O. a fazer-se representar na sessão solene do seu 28.º aniversário, sendo nomeado o delegado efectivo do sindicato dos Manufatureiros de Calçado.

**Ordem dos trabalhos**

O Conselho, por proposta do delegado do sindicato Unico da Construção Civil, resolveu que se prejudicasse nesta sessão a sua primeira parte que eram os assuntos ainda pendentes da sua última sessão, e se discutisse imediatamente a segunda parte.

**A greve dos operários do município**

Pelo secretário geral são relatadas ao Conselho todas as demarches efectuadas entre a Câmara, o chefe do governo e o pessoal, para solução do conflito, aliás muito justo e humano, dadas as precárias condições económicas em que o mesmo pessoal se encontra, e sendo esse facto reconhecido por qualquer das duas entidades. Congratula-se pela atitude seguida pelos operários municipais em não aceitarem as condições impostas pela Câmara.

Sobre o assunto pronunciaram-se os delegados do sindicato dos Construtores de Macadam, do da Construção Civil, do da Limpeza e Sanidade Pública, do dos Operários dos Tecidos de Seda, do dos Manufatureiros de Calçado e outros, sendo o assunto objecto de grande discussão, em que mais uma vez foi posta à prova a veracidade municipal e em especial a chamada minoria socialista, pela forma como tratam os seus operários, suspendendo-se o debate depois de explicações finais dadas pelos delegados dos Construtores de Macadam e do pessoal da Limpeza e Sanidade Pública, explicações essas que satisfizeram o Conselho.

### A greve ferroviária

Ocupou-se seguidamente o conselho da greve ferroviária, sendo pelos delegados ao Conselho Confederal da C. G. T. dado conhecimento do resultado a que chegou o organismo central com a intervenção.

Por todos os delegados presentes foi o caso discutido, levando-se a atitude da classe ferroviária e em especial a do Sul e Sueste pela sua inquerentável energia, tornando-se como único responsável dessa situação, o governo visto ser ele o culpado de mesma greve ainda persistir, em prejuízo da economia do país e que está aproveitando a mesma greve para se manter no poder.

O conselho também se ocupou da greve dos operários alfaiates, verificando que o moral da classe é excelente e que está disposta a lutar todo o tempo necessário até as suas reclamações serem atendidas. O respectivo delegado deu as necessárias explicações.

### A liberdade de reunião e o governador civil

Vivamente discutida e ponderada foi a atitude do governador civil na que respeita às suas draconianas ordens sobre a liberdade de reunião. O secretário geral informou devidamente o conselho, do resultado de entrevistas que algumas comissões tem tido com a mesma entidade e também de uma outra que a U. S. O. realizou com o chefe do gabinete do ministro do interior sobre o mesmo assunto. O conselho verificou que nem à face da lei nem à face da constituição da república o governador civil pôde conduzir-se da forma porque o está fazendo.

Ainda o secretário geral se referiu à publicação da lei em A. Batalha e chamou a atenção dos delegados para a nota oficiosa da U. S. O. do dia seguinte.

Diversos alvíres foram apresentados sobre o assunto, findos os quais se tomaram resoluções no sentido de evitar que o governador civil consiga os seus reacçãoários fins.

Pelo adjuntado da hora a que terminou esta sessão só hoje pode ser publicado o respectivo extracto.

### JOVENS SINDICALISTAS

**Núcleo do Mobilatório.**—Reúne hoje, pelas 11 horas, a comissão administrativa. Pode-se a comissão de todos os seus componentes para tratar de assuntos de alto interesse para a vida deste Centro.

Pode-se a comissão da comissão administrativa e de todos os sócios.

**Núcleo Metalúrgico de Lisboa.**—Reúne hoje, em conjunto com os delegados ao Congresso resolvendo, entre outros assuntos de grande importância, levar a efeito uma série de conferências sobre educação moral, profissional e sociológica, a primeira das quais deve ter lugar na próxima semana.

## A AMNISTIA

### ¿ Há ou não presos por questões sociais? Responda, sr. Granjo!

Recebemos a seguinte carta cuja publicação nos é pedida:

Ao ler hoje nos jornais diários as declarações do sr. presidente do ministério, António Granjo, feitas no parlamento, sobre o projecto de amnistia (burla), em relação aos presos por questões sociais, não podia deixar de formular o meu protesto.

Assim, o sr. Granjo, que mais uma vez deu provas da sua pouca inteligência, declarou na Câmara dos Deputados, ao ser interrogado pelo deputado sr. Plínio Silva, sobre a razão porque não eram incluídos os presos por questões sociais na amnistia, o mesmo sr. Granjo saiu-se com uma resposta infeliz.

Deputado e jornalista, ele presidente do ministério, não tinha conhecimento da existência de presos por questões sociais e os que haviam eram em consequência da última greve ferroviária, por actos de sabotagem.

Muito enganado anda o sr. Granjo, com certeza, pois ignora que, nas masmorras desta república, se encontram dezenas de presos por questões sociais sem responder, tendo alguns uma larga folha de serviços prestados à república.

Não havendo presos por questões sociais, como diz, igual razão que se criou recentemente, por uma lei de excepção, um tribunal especial, a que lhe deram o pomposo título de Tribunal de Defesa Social onde já foram julgados, por delitos de greve, cinco operários, e foram condenados injustamente.

Responda sr. Granjo!

Qual a razão por que permanecem presos 7 operários, como implicados no atentado da rua Augusta, que se deu quando da última greve da Construção Civil, quando não há a mais pequena prova jurídica contra eles, (palavras ditas por um advogado) e contudo ainda hoje estão à espera de ser pronunciados, para responder no recente tribunal negro?

Responda, sr. Granjo!

Qual a razão, porque estão presos os operários Quirino Antunes e José M. de Almeida? Não será em consequência da última greve da Construção Civil? Pelo menos, não são acusados de outro delito.

Artur P. Alonso e Arsénio J. Filipe, estão ou não presos em consequência dos atentados que produziram contra o reacçãoário Alfredo da Silva quando da greve nas suas fábricas?

Pelo que consta não tem outra acusação e ainda não foram julgados.

Responda, sr. Granjo!

Francisco de Moura, porque está preso? Não será devido à última greve, que se desenrolou em Lisboa, na indústria de calçado. Também ainda não foi julgado.

Responda, sr. Granjo!

Isto é apenas uma pequena prova de que o sr. António Granjo mentiu descaradamente, ao dizer no parlamento que não existiam presos por delitos sociais.

Quanto e quantos estão por essas masmorras da república pelo simples motivo de reclamar um pouco mais de pão para os seus filhos.

Venha o sr. Granjo à cadeia e veja com os seus próprios olhos! Decerto ficará pasmado ao encontrar aqui, presos, nada menos de um trinta operários, pela razão de quererem mais um pouco de bem estar.

Don'te este conselho, para que não faça outra vez afirmações gratuitas, dizendo aqueles que ainda se não esqueceram de nós que não existem presos por delitos sociais.

Lembre-se também, sr. Granjo, que de entre os presos por questões sociais alguns existem, que quando foi da revolta de Santarém lhe fizeram companhia nas horas amargas da revolução e mais tarde em Monsanto e no Norte.

Pois é agora o sr. Granjo que vem dizer que não há presos por delitos sociais e se há não é o momento oportuno para os amnistiar.

Como os tempos mudam, e como os homens se voltam à guisa de cata-ventos, pagando aos que defendem a república com esta gratidão...

Que contraste!

Cadeia do Limoeiro, Grupo C. — João Francisco.

### Funcionalismo público

Uma comissão delegada dos 1.ºs escriturários do quadro respectivo dos Hospitais Cíveis de Lisboa, entregou ontem, por intermédio do secretário da direcção geral dos mesmos hospitais, sr. Arnaldo Farinha, chefe da 1.ª repartição, ao dr. sr. Hermano de Medeiros, director geral desses estabelecimentos, uma representação dirigida ao ministro do trabalho, na qual expõem a sua situação de funcionários e pedem para serem incluídos na classificação de oficiais, visto que as suas funções em nada diferem das destes.

Igual representação vai ser por estes dias dirigida pelos mesmos funcionários ao Parlamento.

### Nos bairros sociais

**Não foram ontem pagas as férias**

Ontem, nos bairros sociais do Arco do Cego, Alcântara e Ajuda, não foram feitos os pagamentos das férias ao numero pessoal que hoje se emprega.

Será falta do dinheiro para a ordem pública se dispõe de milhares de contos, com certeza que os cofres estarão a abarrotar.

Quá se haverá dinheiro para quem não exerce funções úteis?

### Rifa duma bicicleta

Ficou sem efeito a rifa duma bicicleta da Pereira Miguel, do Porto, que se destinava a efectuar pela lotaria da semana finda, restituindo-se o dinheiro aos possuidores de bilhetes pagos.

### Carteira perdida

António da Silva, morador na rua Possidónio da Silva, 3, 2.º, perdeu ontem, ao sair da oficina, duma carteira, pedindo a quem a achou o favor de lhe entregar.

## ABACAXIA

### Manipuladores de pão

Reúne a direcção, que entre outros assuntos se ocupa do decreto ultimamente publicado sobre o pão, que julga o decreto mais prejudicial que tem sido publicado, conforme se constata pela leitura do seguinte: no parágrafo 1.º do art. 6.º, Os preços máximos da venda de farinha serão respectivamente 147,2 e 145,0 mil réis por quilo, sendo as farinhas distribuídas às padarias pelo comissário dos abastecimentos na proporção de uma de 1.ª por 3 de 2.ª qualidade. Ora, observamos com estes dados, que se a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá a margem para a margem de lucro da margem, tendo sempre em vista obrigar o povo a comer o pão de luxo, porque é a farinha mais lucrativa, dá a margem para a margem de lucro, e a indústria de panificação, que resulta o povo ser obrigado a comprar o de luxo por mais caro, não ter dinheiro para comprar o de 2.ª qualidade, não se dá